

## **A CRIANÇA INTERNADA EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA E A MORTE**

Elisana Candido Ianella (Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Lucia Cecilia Silva (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: elisana\_ianella@hotmail.com

A morte é certa, é da condição humana. De difícil aceitação, este fato permeia a existência das pessoas independente da idade, sexo, condição social e psíquica, sendo algo inevitável. Assimilar o que é a morte, seus significados, leis e consequências não é um exercício fácil para o ser humano. No contexto hospitalar, principalmente o de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) pode-se considerar a luta contra a doença um conflito direto com a morte. Este trabalho traz os resultados de uma pesquisa que teve por objetivo analisar publicações que abordam a morte de crianças em UTI para compreender quais as maiores preocupações, medos e angústias tanto da criança quanto de sua família, levantando concepções sobre o enfrentamento da morte e os aspectos psicológicos da dinâmica familiar em relação à criança doente e internada em UTI. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, em que se trabalhou com artigos referentes ao assunto publicados entre os anos 2000 a 2012. Os artigos encontrados que se encaixaram no tema da pesquisa foram estudados em seus conteúdos, a partir dos quais foram identificadas quatro categorias de análise: 1) uso da tecnologia na UTI para prolongar a vida; 2) compreensão situação do doente tanto para criança enferma quanto para a família; 3) no luto da família que perde a criança, quanto da própria criança enferma que se vê diante da morte; 4) e humanização da equipe multidisciplinar cuidadora durante a internação na UTI. Para melhor entender a visão e compreensão do paciente infantil diante da situação de sua fase terminal em uma UTI, e dos temas abordado nas categorias, foi feito um estudo introdutório sobre o conhecimento da criança sobre a morte de acordo com seu nível de desenvolvimento. Conclui-se que não se deve desmerecer o potencial dos recursos tecnológicos avançados na medicina para prolongar a vida, mas que os mesmos não devem ser tomados como a parte principal do cuidado a ser oferecido a um paciente que não pode ser curado; que a compreensão da situação de morte e o luto da criança e da família devem ser bem trabalhados desde o início do processo de terminalidade, para melhor assimilação e elaboração; que a humanização do cuidado é de suma importância, sendo uma necessidade na formação de todo profissional da saúde que fará parte de uma equipe multidisciplinar; considerar o sujeito (criança e família) em sua integridade biopsicossocioespiritual, a partir de um olhar holístico.

**Palavras-chave:** Luto. Morte. Família.